

# Lições de 11 a 15

## Da contratransferência ao desejo do analista

*Mário Fleig*

**M**esmo não tendo participado do Seminário de Verão em torno de Seminário da Angústia de Lacan, aceitei o convite de Letícia Fonsêca para escrever sobre essas lições, a partir do estudo que tenho desenvolvido em torno desse Seminário, juntamente com um grupo de colegas da APPOA nos últimos anos.

Numa primeira aproximação, vemos que essas cinco lições se desenvolvem em torno da passagem do conceito de contratransferência para o problema do desejo do analista. E isso se realiza a partir da discussão dos artigos de Barbara Low ("As compensações psicológicas do analista", 1935), Margaret Little ("A contratransferência e a resposta do paciente a ela" 1951; "R - A resposta total do analista às necessidades do paciente" 1956), Lucy Tower ("Contratransferência", 1956) e Thomas Szasz ("Sobre a teoria do tratamento psicanalítico", 1957).

Na lição 11, Lacan não está presente e encarrega Granoff e Perrier para iniciar a apresentação dos artigos referidos, assim como convoca a Sra. Aulagnier para apresentar o artigo de M. Little na lição seguinte. O interesse desses artigos se encontra na sua temática: tratam do último estágio das opiniões sobre a análise, ou seja, do problema da contratransferência. Qual o interesse, nesse seminário de Lacan, de tratar desta temática? Ora, é pelo exame da questão da contratransferência que Lacan vai introduzir o problema da angústia e do desejo do analista, na medida em que estes autores se debruçam sobre suas di-

ficuldades, sob o nome de contratransferência, mas que de fato dizem respeito ao problema do desejo do analista.

Não vamos retomar estes textos, pois para isso seria necessário um desenvolvimento que ultrapassaria os limites de nossa intervenção. Contudo, o que se destaca nestes artigos é a presença do desejo do analista. Aulagnier salienta que "... o desejo do analista, o desejo de Margaret Little, é de ser essa espécie de sujeito que tem algo a mais, algo com o qual ela pode alimentar, (...) preencher um vazio, uma sorte de hiância real, que ela vê como tal, em nível do sujeito que está em análise." (p. 180). Deste modo, aqui o desejo do analista se coloca na posição de ser o objeto do outro, ser o que falta ao outro. Ora, o efeito que isso produz se verifica na posição que toma a analisada, que responde de um lugar que tem como "único fim provocar a angústia na analista, a fim de que, a cada vez, a analista a tranquilize e diga que ela, a analisada, é o objeto de sua angústia." (p. 181) As coisas tenderiam a ficar assim, caso não se desse a operação da função de corte, quando a analista fala de seu lugar de analista. Isso se dá, no caso relatado por M. Little de sua paciente Frieda, quando se subtrai do lugar de objeto da angústia da paciente. Ou seja, quando lhe diz: "O que você pensa me é completamente indiferente", referindo-se aos comentários da mesma à decoração de seu consultório. A partir deste corte, operado "acidentalmente", o fantasma fundamental da paciente, da cápsula redonda, esférica, perfeita, que construiu justamente por ser incapaz de aceitar uma castração, uma falta que ninguém jamais havia podido simbolizar para ela, passa a poder ser enunciada e a análise toma um novo rumo.

Deste modo, Lacan aponta a relação íntima que existe entre a angústia e o desejo do analista, que se apresenta em torno da noção de contratransferência. A aproximação entre angústia e desejo se dá em função de que têm o mesmo objeto, o objeto *a*, e a escolha de textos anglo-saxões sobre essa temática, quase todos escritos por mulheres, se deve ao fato de que, "se há algumas pessoas que disseram algo sensato sobre a contratransferência, foram unicamente mulheres." (p. 192)

A relação entre a contratransferência, a angústia e o desejo do analista será articulada por Lacan, passando por uma discussão sobre uma posição muito particular das mulheres na direção do tratamento. Elas estariam em melhor posição subjetiva para lidar com a contratransferência? Qual seria essa posição particular das mulheres analistas? Para tratar disso, Lacan vai fazer um longo desvio da temática da angústia, situando a questão do desejo do analista a partir da posição particular das mulheres em relação ao desejo e interrogando a função do desejo no amor. Vamos poder tratar apenas parcialmente da complexidade dessas relações.

Explicitamente Lacan ressitua o problema, chamando atenção para o problema do desejo do analista:

“Efetivamente, esse assunto sobre a angústia não poderia manter-se mais tempo afastado de um enfoque mais preciso do que vem, de uma forma cada vez mais insistente há algum tempo em meu discurso, ou seja, o problema do desejo do analista. Pois, no final das contas, ao menos isso não pode deixar de escapar aos ouvidos mais duros: que na dificuldade de abordagem desses autores a respeito da contratransferência, é o problema do desejo do analista que faz obstáculo, porque em suma, tomada massivamente, quer dizer, não elaborado como nós o fizemos aqui, qualquer intervenção dessa ordem, por mais surpreendente que possa parecer após sessenta anos de elaboração analítica, parece participar de uma profunda imprudência.” (p. 187)

Vemos que a temática da resistência à análise situada do lado do analista é retomada, agora numa articulação entre angústia e desejo do analista. Assim, o que pode fazer obstáculo ao avanço na análise diz respeito ao desejo do analista, principalmente quando este não é elaborado. E o valor dos artigos escolhidos para a discussão se encontra no fato de que “...nenhum deles pôde evitar de colocar as coisas sobre o plano do desejo.” (p. 187)

Outra consequência importante na interpretação destes artigos é a afirmação de que o verdadeiro problema não se encontra na noção de contratransferência, mas na questão do

desejo do analista, e somente a elucidação deste é que poderia dissolver a confusão que tal noção introduz na análise.

"Não se trata, com efeito, de definição, nem mesmo de uma exata definição de contratransferência que poderia ser dada muito simplesmente, definição que não é mais que uma definição, que oferece apenas um inconveniente como definição, o de descarregar completamente a questão que se coloca de seu alcance, quer dizer que é contratransferência tudo o que, daquilo que recebe na análise como significante, o psicanalista recalca. A contratransferência não é outra coisa, e é por isso que esta questão da contratransferência não é verdadeiramente a questão." (p. 188).

Deste modo, Lacan não recusa a confusão que a noção de contratransferência produz, mas aponta que esta confusão tem uma significação que a nenhum autor pode escapar: o desejo do analista. Contudo, não basta afirmar isso. O que Lacan reconhece é que "esta questão nem começou a ser resolvida, é simplesmente porque na teoria analítica, até o presente, até este seminário precisamente, não há nenhum posicionamento exato do que é o desejo." (p. 188). Assim, aqui se precipita uma meta ambiciosa, a questão do desejo, e mais do que isso, a questão do analista. Então, a partir do problema da contratransferência, tema presente na formulação de muitos analistas, Lacan avança em direção da questão do desejo do analista na direção do tratamento, deixando para trás a noção de contratransferência.

A construção do posicionamento exato do que seja o desejo já encontrou formulações anteriores, que Lacan retoma e leva adiante, em dois eixos especialmente: o desejo em relação à demanda e a identidade entre o desejo e a lei. Tanto o desejo neurótico, na histeria e na obsessão, assim como o desejo e o gozo no masoquismo e no sadismo serão examinados, na busca da explicitação de suas articulações. No sadismo, e também no masoquismo, "o desejo se apresenta aí como vontade de gozo" (p. 189)

Mesmo na subversão da lei, no caso da perversão, o exer-

cício do desejo se faz sob o suporte da lei. “Se há algo que sabemos agora do perverso é que isso que aparece externamente como satisfação sem freio é defesa e, verdadeiramente colocação em jogo, exercício de uma lei na medida em que ela freia, suspende, detém, precisamente sobre o caminho do gozo. A vontade de gozo no perverso, como em qualquer outro, é vontade que fracassa, que encontra seu próprio limite, seu próprio freio, no exercício como tal do desejo perverso.” (p. 189)

O neurótico permitiu encontrar o caminho para a descoberta de que é “na instituição da própria lei que ele tem necessidade de passar para dar seu estatuto a seu desejo, para sustentar seu desejo. O neurótico, mais que qualquer outro, coloca em valor este fato exemplar que ele só pode desejar segundo a lei. Ele não pode sustentar, dar seu estatuto a seu desejo a não ser como insatisfeito ou como impossível.” (p. 189)

O que Lacan está em busca, ao apresentar diversas estruturas de desejo, é aquilo que fica velado em cada uma delas, ou seja, qual é o mecanismo do desejo em cada articulação específica. E nessa direção busca também elucidar a neurose de angústia, que Freud não pode realizar, pois sua morte não lhe deixou tempo. O retorno ao tema da neurose de angústia é proposto por Lacan através de um caminho curioso:

“Estamos colocados, por mais paradoxal que isso lhes pareça, no que concerne ao tema da angústia, somos levados a este plano crucial, a este ponto crucial que chamarei o mito da lei moral, ou seja, que toda posição sã da lei moral deveria ser buscada no sentido de uma autonomia do sujeito.” (p. 189-190)

Logo, a autonomia enquanto mito da lei moral é uma defesa, pois “a lei moral é heteronômica.” (p. 190), pois ela provém do real. O que significa isso? A lei moral provém da intervenção do real, que se chama recalçamento. Trata-se “não do apagamento do traço, mas o retorno do significante ao estado de traços; a abolição dessa passagem do traço ao significante

que é constituída pelo que tentel fazê-los sentir, ao descrever-lhes por uma colocação entre parênteses do traço, um sublinhado, uma barra, uma marca do traço." (p. 190) O real intervém elidindo o sujeito na operação do recalçamento. "O real, recivla o sujeito ao traço, ao mesmo tempo também abole o sujeito, pois não há sujeito a não ser pelo significante, a não ser por essa passagem ao significante, *um significante é o que representa um sujeito para outro significante.*" (p. 190)

Novamente, o que se trata na questão do mito de lei moral, assim como na articulação subjetiva do masoquista ou do sádico? O que fica esquecido? Qual é a mola do esquecimento? Ora, o que Lacan está buscando é a estrutura do desejo, na sua articulação com a angústia e o gozo, a partir do que se pode verificar em diferentes estruturas subjetivas. O que é visível no masoquismo é que se trata de fazer o outro gozar. Contudo, o que lhe escapa? Ora, ele crê que busca fazer o outro gozar, mas "justamente porque crê, não é isso que ele busca." (191). Então Lacan afirma que o segredo da articulação do desejo masoquista é que "...ele busca é a angústia do outro." (191) Esta primeira formulação será retomada mais adiante, numa diferenciação em relação à posição do desejo sádico.

Ainda na Lição 12, em sua parte final, Lacan retoma o tema freudiano da angústia-sinal produzindo-se no Eu relativa a um perigo interno, nos alertando para uma correção relevante: Não há perigo interno na medida em que o aparelho psíquico tem a estrutura de uma superfície moebiana. Não se tratando de um problema de estar situada dentro ou fora, Lacan afirma que a angústia é uma manifestação específica no nível do desejo do Outro como tal, como colocou desde o início deste Seminário. O que representa o Outro quando advém por esse viés? "O Eu é o lugar do sinal. Mas não é pelo Eu que o sinal é dado. Isso é bastante evidente. Se isso se ilumina no nível do Eu, é para que o sujeito (...) seja advertido de algo. Ele é advertido de algo que é um desejo, quer dizer, uma demanda

que não concerne a nenhuma necessidade, nem concerne a nada mais que meu próprio ser, quer dizer, que coloca em questão, digamos que o anula em princípio (...) dirige-se a mim como esperado (...) solicite minha perda, isso é que é a angústia." (191-192)

Desta articulação da angústia com o desejo do Outro, na medida em que solicita "minha perda", se deduz a dimensão temporal da análise como ligada à dimensão temporal da angústia enquanto espera. O desejo do Outro, "Ele me questiona, interroga-me na própria raiz de meu desejo, a mim como a, como causa desse desejo e não como objeto; é porque é aí que ele visa, em uma relação de antecendência, em uma relação temporal, que não posso fazer nada para romper esse aprisionamento salvo engajar-me nele. Essa dimensão temporal é a angústia, e é essa dimensão temporal que é aquela da análise. É porque o desejo do analista suscita em mim esta dimensão da espera que sou tomado por algo que é a eficácia da análise." (192)

Introduz-se, então, a diferença essencial entre tomar o outro como objeto ou interrogar o outro na própria raiz de seu desejo. Certamente que cada um gostaria que o Outro o visse como um tal e fizesse dele um objeto. De igual modo, o desejo não se resolve pela solução hegeliana, que propõe o desejo como desejo de reconhecimento, que desemboca na luta e na violência, como formas de resistência contra o desejo do Outro. Na análise, boa parte da resistência se esvai, na medida em que se interroga a causa do desejo. Assim, Lacan recoloca o modo de abordar o desejo, deslocando a problemática do campo da luta pelo desejo de reconhecimento para o plano do amor.

"Unicamente por isso, é necessário saber o que é o desejo, e ver sua função, não unicamente sobre o plano da luta, mas lá onde Hegel, e por boas razões, não quis ir buscá-lo, sobre o plano do amor." (p. 192)

Ora, o que Lacan está nos apresentando, especialmente no seu comentário ao artigo de Lucy Tower, ao qual se refere neste contexto, é que as analistas mulheres lidam melhor do que os analistas homens com a contratransferência e, portanto, com o desejo do analista, na medida em que sabem se servir do amor pela via da transferência para ter acesso ao desejo do paciente. É nessa direção que podemos entender a observação sobre o modo específico de ocupar o lugar de analista das mulheres: "... se há algumas pessoas que disseram algo sensato sobre a contratransferência, foram unicamente mulheres." (p. 192) E relaciona isso com a função do desejo no amor, afirmando que "... é na medida em que o desejo intervém no amor, do qual é, se posso dizer, uma aposta essencial, o desejo não concerne ao objeto amado." (p. 193).

A disjunção entre desejo e amor gira em torno de um mal-entendido estrutural, que perpassa as relações entre homem e mulher. Dado que o objeto do desejo não é o outro enquanto semelhante, amor e desejo não se encontram.

Aqui é feita uma alusão explícita aos textos freudianos sobre a "Psicologia do amor", especialmente à problemática da depreciação (*Erniedrigung*) na vida amorosa. Trata-se, então, a diferença já observada por Freud entre o objeto de amor e o objeto do desejo. Isso será retomado mais adiante, no início da lição 15, onde é afirmado que as degradações na vida amorosa "são efeitos de uma estrutura fundamental irreduzível" (p. 223). Efeitos de que estrutura? Ora, a angústia se situa entre o gozo e o desejo, na medida em que "a é substituto de A" (p. 223), ou seja, dá-se aí uma degradação do Outro no seu resto irreduzível.

Na lição 13, retomando a tese de que a angústia não é sem objeto, Lacan chama atenção para a frase de Freud no apêndice B de "Inibição, sintoma e angústia": "A angústia é angústia diante de algo" (*Angst ist Angst vor Etwas*). De que algo se trata? Para situar esse algo, retoma-se a diferenciação entre medo ou pavor e angústia. O medo se produziria diante de um objeto?



O medo tem objeto?

Lacan introduz a diferença entre angústia e medo ou pavor, a partir dos contos de Tchekov e na discussão de um artigo de Goldstein: o medo se refere a algo desconhecido, que não é o objeto que se apresenta, mas de outra coisa que está por trás do objeto. Deste modo, o medo não tem objeto, enquanto que a angústia não é sem objeto, na medida em que o sujeito se encontra interessado pelo mais íntimo de si mesmo.

*Vor Etwas*: a angústia é sinal de algo. Esse algo diante do qual a angústia opera como sinal é “da ordem do irreduzível desse real”; é por isso que se pode afirmar que a angústia é o sinal que não engana. É do real que a angústia é sinal. “Esse real – e seu lugar – é exatamente aquele em relação ao qual, com o suporte do sinal, da barra, pode inscrever-se a operação que se chama aritmeticamente divisão.” (p. 198-199) Assim, a partir da “intervenção do real”, Lacan nos introduz na sua proposta da articulação de três estágios que são três tempos da operação de estruturação do sujeito desejante: gozo, angústia e desejo.

A	S	X (gozo)
a	A	angústia
S	desejo	

A angústia situa-se no piso intermediário, não tendo uma função de mediação, mas simplesmente se encontra entre o X, operação apreensível apenas retroativamente, de encontro com o Outro e o surgimento do efeito sujeito, enquanto desejante. Assim, a função da angústia emerge na operação de divisão, no processo de subjetivação, entre A e S, resultando um resto, *a*, irreduzível. “*a* é o que resta de irreduzível nesta operação total de advento do sujeito no lugar do grande Outro, e é daí que ele vai tomar sua função.” (p. 199) Qual função? “Nesse resto, então, enquanto é a queda da operação subjetiva,

reconhecemos nele (...) o objeto perdido; é com isso que lidamos, por um lado no desejo, por outro na angústia." (p. 199) Assim, no primeiro piso, o X se mostra, retroativamente, como sendo a operação do gozo. A aparição da função de  $a$ , resto irreduzível, situa o nível da angústia, e no terceiro tempo aparece o sujeito barrado, desejante.

Para ilustrar o que seja então a angústia, na articulação desses três tempos, Lacan se refere ao objeto irreduzível enquanto se apresenta na ordem da imagem. Inicialmente, a angústia em Édipo, que fica visível a partir do momento em que seu objeto  $a$  fica destacado, ou seja, quando seus olhos estão no chão: "... uma impossível visão lhes ameaça a partir de seus próprios olhos no chão. Aí está, creio, a chave mais segura que vocês poderão sempre encontrar, sob qualquer modo inicial que se apresente para vocês o fenômeno da angústia." (p. 200)

Como isso ainda não nos permite bem compreender do que se trata, mesmo que se saiba que o desejo de Édipo estava completamente tomado pelo desejo de ver, de ver longe, de decifrar os enigmas, Lacan nos apresenta outra imagem: os quadros de Zurbaran, que retratam Luzia e Águeda – com seus olhos e com seus selos num prato. O que caracteriza o angustiante em tais pinturas? O objeto de desejo se apresenta destacado, colocado e ofertado num prato. Isso é a angústia: a apresentação do objeto  $a$ , na iminência de sua queda. Se o sujeito se situa na posição deste objeto, toma seu destino, isto é, cai, saindo fora da cena como se dá na passagem ao ato. Se as imagens de Luzia e Águeda fornecem a chave da angústia, como isso se articula na posição sádica e masoquista?

Ora, o masoquista visa "Ser o objeto do gozo do Outro, que é sua própria vontade de gozo." (p. 201) O que isso mascara? "O que é buscado no Outro é a resposta a essa queda essencial do sujeito em sua derradeira miséria, e que é a angústia." (p. 202)

No masoquismo se realiza o culto do não-ato como defesa

primordial, numa tentativa de extorquir do Outro um sinal do que o move, a fim de que o mesmo se manifeste como sujeito, que tenha uma alma, como prova de sua angústia. Aqui se encontra a aproximação surpreendente entre o masoquismo e o cristianismo, dado que Cristo introduz na divindade a alma, como afirma Lacan aqui, o que retomará mais tarde no exame do barroco, no Seminário 20. Ao que visa o masoquista é se aliviar, descarregar o peso do objeto *a*, de modo que o Outro passe a carregar o peso da libra de carne que amarra a cada um enquanto corpo.

“Deus não tem alma. (...). Entretanto, a mudança total, radical, da perspectiva da relação com Deus começou com um drama, uma paixão, onde alguém se fez a alma de Deus. Pois é para situar também o lugar da alma neste nível *a*, resíduo do objeto caído (...).” (p. 202)

Deste modo, Lacan nos mostra que o cristianismo é profundamente masoquista, na medida em que se trata da tentativa de articular o gozo do Outro com a angústia do Outro. E nos situa Kierkegaard como alguém que articula as marcas estruturais desta mudança radical introduzida pelo Cristo como alma de Deus. Enquanto a leitura freudiana da religião se faz por uma aproximação com a neurose obsessiva, Lacan propõe um fundamento religioso das perversões.

Se Lacan começa pelo exame da estrutura do masoquismo é por ser mais difícil, enquanto que, no sadismo, a angústia é menos escondida. Trata-se, neste caso, de fazer da angústia da vítima uma condição absolutamente exigida. Contudo, isso pode levar a um engano. O que afinal o sádico procura no Outro? Em todos os escritos de Sade, Lacan aponta que há um traço surpreendente e que aparece como o troféu buscado: “Eu tirei a pele da vagina”<sup>1</sup>. Trata-se de extrair um objeto, insistentemente buscado, dando um trabalho considerável ao sujeito. O que fica velado é que esse objeto escondido, ao ser trazido para fora, mascara o traço da angústia do sujeito. O

que aí também se articula, afirma Lacan, é o caráter instrumental a que se reduz a função do agente. O sádico "se dá a um grande, considerável e exaustivo trabalho até errar seu objetivo, para realizar o gozo de Deus (...)." (p. 203) Deste modo, é pelo trabalho da operação sádica que se mostra sua relação com a divindade, na medida em que a referência ao ser supremo em maldade, como aparece em todo texto de Sade, deixa ver que é sempre de Deus que se trata.

Desse modo, o objeto diante do qual a angústia se produz como sinal é o objeto *a* enquanto destacado, recortado, e, nessa posição, seguindo sua rota natural: a queda. A partir desta estrutura fundamental, é possível examinar o estatuto real desses objetos, enquanto objetos destacáveis, separáveis. Também podemos compreender porque as partes do corpo que são destacáveis mais se prestam a exercer essa função de objeto do desejo.

Com essas articulações, Lacan pode nos dizer algo surpreendente, retomando teses antigas de Freud sobre o coito interrompido como fonte de angústia. Ora, no coito interrompido, a subjetividade se encontra focalizada sobre a queda do falo enquanto objeto destacável, na medida em que a ejaculação se faz do lado de fora.

De igual modo, a articulação entre angústia e objeto *a* destacável leva Lacan a mostrar o valor da formulação precoces de Freud, que percebeu a função da castração ligada ao objeto caduco, assim como a relação entre orgasmo e angústia. Ou seja, como se dá a erotização da angústia.

Na Lição 14, após retomar a distinção entre angústia e medo, assim como o quadro da divisão do sujeito e os três tempos da operação de divisão: gozo, angústia e desejo, Lacan avança na elucidação do mecanismo da posição masoquista e sádica, em direção da questão do desejo. "Falei da angústia enquanto termo intermediário entre o gozo e o desejo, na medida em que é ultrapassada a angústia, fundado sobre o tempo da angústia,

que o desejo se constitui." (p. 214)

Retomando que o essencial não se encontra no que parece ser a finalidade, ou seja, a função da dor, mas naquilo que aparece nas manobras masoquistas na transferência, ou seja, o que é visado é o Outro. Contudo, isso ainda não é suficiente para apreender o mecanismo em operação. Assim como Freud, em sua análise da estrutura do fantasma, localiza um segundo tempo sempre elidido, de modo semelhante, a angústia se situa como um segundo tempo entre o gozo e o desejo. Na ultrapassagem da angústia e fundado no tempo da angústia é que o desejo de constitui.

Bem, então, como se articula a angústia no masoquismo e no sadismo?

Ora, o sádico, de modo claro, visa a angústia do Outro, mas tem um termo elidido, ou seja, mascara o gozo do Outro. Contudo, o que se esconde atrás da busca da angústia do Outro é, no sadismo, a busca o objeto  $a$ , de modo que esse é o tempo que fica elidido. A prova deste tempo se encontra no termo expressivo tomado dos fantasmas sádicos: "*a pele da buceta*"<sup>2</sup>

O masoquista, de modo explícito, visa ao gozo do Outro, mas o que de fato busca é a angústia do Outro, como tempo que fica elidido.

O sadismo não é o reverso do masoquismo, mas são funções de quatro termos e a passagem de um para outro se faz por uma rotação de um quarto de volta. Lacan não chega explicitar os termos dessa operação, mas certamente que está se referindo àquilo que desenvolveu, nessa época no seu texto *Kant com Sade*, que serviria de prefácio à obra de Sade, *A filosofia na alcova*.

Após esse percurso pelas relações entre gozo, angústia e desejo, especialmente no masoquismo e sadismo, Lacan retoma a questão da contratransferência, frisando novamente o quanto as analistas mulheres "pareciam deslocar-se nela mais à vontade" (p. 218), e isso porque compreendem muito bem o que é o desejo do analista.

Por que as mulheres se situam muito melhor do que os homens na questão do desejo? Ora, sobre esse assunto, nas relações entre mulheres e homens, se produz um mal-entendido estrutural na disjunção entre desejo e amor. Do que se trata, como tal, é que o acesso à falta é diferente no homem e na mulher.

Enquanto o homem tem acesso à falta pela negativização do falo, ou seja, pelo complexo de castração, a mulher não é obrigada a passar pelo  $\phi$ , o que lhe determina uma posição particular em relação ao desejo do Outro. Essa posição particular diz respeito ao fato de que o valor do objeto fálico vem em segundo plano. Vejamos como Lacan formula isso:

“Esse domínio, o domínio do gozo, é o ponto graças ao qual a mulher se confirma como superior justamente pelo fato que seu laço ao nó do desejo é muito mais frouxo.” (p. 223) Isso se verifica no fato de que a mulher não tem necessidade de passar pelo complexo de castração, pela negativização do falo, como é o caso do homem. “Eis aí o que, para a mulher, afirma Lacan, não é um nó necessário.” (p. 223). Desse modo, a mulher se encontra confrontada com o desejo do Outro de um modo muito mais simplificado do que o homem, resultando que o gozo não lhe faz tanta questão quanto para o homem.

Dada essa diferença, que retoma a diferença freudiana entre ameaça de castração para o homem e inveja do pênis para a mulher, quais os efeitos na posição da mulher como analista? De onde vem sua vantagem sobre o homem analista? Como pode Lacan afirmar que a questão do desejo se simplifica para a mulher e que isso lhe traz muito menos complicações na direção do tratamento? Para resolver esse enigma, anuncia que tratará, na próxima lição, da função da mulher à luz do título: “Das relações da mulher como psicanalista com a posição de Don Juan.” (222)

A lição 15 tem um desenvolvimento que se segue na lição 16, e trata-se de estabelecer a particularidade da posição da

mulher como analista, deste "nó do desejo mais frouxo." Isso faz com que a mulher esteja mais confrontada com o desejo do Outro, numa relação mais simplificada, sendo que o objeto fálico venha em segundo plano. Como psicanalista, isso permite que a mulher possa abordar o desejo e a contratransferência com maior liberdade. Estas são as razões estruturais que permitem às mulheres analistas melhor lidar com o desejo do analista.

O texto de referência para o exame da posição da mulher como analista é o de Lucy Tower, "Contratransferência", 1956. Na parte clínica, a autora narra quatro casos clínicos, dois dos quais são retomados por Lacan. Com um caso, que lhe parecia de início desfavorável, vai ter êxito e com o outro, que lhe parecia não tão desfavorável, reconhece seu fracasso e o encaminha para outro analista. O que determinou o êxito no primeiro caso e o fracasso no segundo. No segundo, ela mesma afirma que sua dificuldade transferencial se situava numa ilusão de querer tratá-lo, enquanto que, no primeiro caso, ela pode, após ter tido um sonho com a mulher do paciente, se ressituar, saindo do lugar estático e mortífero que o paciente a confinava desde o início do tratamento. Isso resulta numa ofensiva sádica do paciente em relação à analista, como se ele a quisesse lentamente fazer em pedaços. Ora, o de que se trata é que a analista passa a estar engajada no tratamento como objeto e não como sujeito e isso permite ao paciente se reposicionar quanto a seu desejo, podendo avançar na análise. O sadismo desencadeado no paciente pela mudança na posição da analista, afirma Lacan, "é de uma procura do objeto (...) uma vez que a verdade do seu desejo foi reconhecida." (236) O paciente vai poder procurar o objeto, isolar esse pequeno pedaço que falta e que jamais encontrará e a analista, por estar na posição de mulher, sabe muito bem que a ela não falta nada, que a procura do  $\phi$  é um negócio dos machos. É esta posição da analista que vai permitir ao paciente poder fazer

sua procura e nisso realizar o trabalho de luto do que lhe falta, tendo assim um acesso à sua castração.

E que relação tem isso com a posição de Don Juan?

Se Don Juan representa um fantasma feminino, Lacan também nos surpreende ao denunciar o pseudomasoquismo feminino, afirmando que se trata de um fantasma masculino (p. 231). Os homens, e Freud incluído, gostam de fomentar o mito da passividade feminina, esquivando-se assim daquilo que poderiam interpretar imaginariamente no seu comportamento sexual como ato culpável, na medida em que o mesmo seja agressivo ou dominador.

Em que Don Juan é um fantasma feminino? Tomando a dialética do ter e do ser desenvolvida por Lacan, D. Juan é um homem que para a mulher tem e não o cede nunca, sendo assim o homem ideal, ao qual nada faltaria. É um fantasma feminino na medida em que tem aquilo que nenhuma mulher poderia tomar, pois não cede jamais para nenhuma delas e, além disso, aquilo que a mulher tem para o homem, ela nunca o cede uma vez que de fato não o tem. Sendo um fantasma feminino, D. Juan não é um personagem angustiante para a mulher e por isso pode se insinuar tão facilmente. O que se passa é que ele entra na cena não pelo desejo, mas sempre se colocando no lugar de outro, como fica evidente nos repetidos episódios do personagem no romance. Ora, nisso ele preenche a mesma função da mulher, que se sente como objeto no centro do desejo. Assim como D. Juan pode estar sempre no lugar de outro, o objeto absoluto portador do pequeno *a*, assim a analista também pode ocupar esta posição para seu paciente. É porque D. Juan entra na cena enquanto objeto e não enquanto sujeito que ele pode se retirar tão facilmente. Ora, essa é a posição que passa a ocupar Lucy Tower após o sonho que teve sobre seu paciente, que lhe permite se aperceber que não está implicada como sujeito.

"Partindo de férias, durante uma pausa anual (...) ela se apercebe que desse assunto não lhe resta nada, esse assunto não a



interessa absolutamente, quer dizer, ela está verdadeiramente encarando-o na posição mítica do *mals livre* e do *mals aéreo* Don Juan ao sair do quarto onde acaba de fazer das suas." (236)

O que ele busca é o  $- \varphi$ , o que falta a ela. "Tendo pois procurado o desejo do homem, o que ela encontra como resposta não é a busca de seu desejo, o dela, é a busca de  $a$ , do objeto, do verdadeiro objeto, daquele de que se trata no desejo que não é o Outro, que é este resto, o  $a$ , o verdadeiro objeto." (238) Deste modo, ela pode, neste tratamento, dar o que ela não tem, mas se apresentando como suposta ter, na posição de melhor suportar o desejo do paciente.

---

\* As citações do *Seminário* são feitas a partir da tradução brasileira do CEF-Recife, para circulação interna.

<sup>1</sup> - A citação de Sade: "J'ai eu la peau du con" não pode ser traduzida por "eu tirei a pele do imbecil", pois se trata, no texto de Sade, de tirar a pele da vagina, da buceta, literalmente. Então: "Eu tirei a pele da vagina" ou ainda "Eu tirei o couro da vagina".

<sup>2</sup> Ver nota anterior.